



EFEITOS DO POLÍTICO NA INSTRUMENTAÇÃO DA LÍNGUA PELO GOOGLE: UMA ANÁLISE DA PALAVRA-CHAVE “GOVERNABILIDADE”

Ronaldo Adriano de Freitas¹

A instrumentação da língua pela produção de artefatos informáticos que operam sobre os sentidos, como o buscador do Google e os dicionários online tem sido objeto de minha pesquisa de Doutorado na Universidade Federal Fluminense. Nele, desenvolvo a análise de discursividades em circulação nos dicionários disponibilizados na WEB, incluindo nessa categoria o buscador do Google, que remete automaticamente a verbetes de dicionário (Dicionário Google). Tratam-se de dispositivos instituidores de novas formas de dizer sobre a língua que afetam seu funcionamento, preceito fundamental do programa História das Ideias Linguísticas liderado por Sylvain Auroux na França, em interlocução, proposta por Orlandi, com a Análise do Discurso de Michel Pêcheux.

Assumindo a teoria pechetiana, em que a língua é o lugar da materialização do fazer político, e, simultaneamente a base que confere sentido a esse acontecimento, o trabalho apresentado é conduzido por uma questão: Como a materialidade linguística que se produz nos efeitos do político (e que produz, simultaneamente esses efeitos) é registrada e posta em circulação nas redes eletrônicas que instrumentalizam a língua? Para tal apresento uma parte das análises em desenvolvimento sobre os resultados da busca pela chave ‘governabilidade’ no buscador do Google.

GOOGLE E DICIONÁRIOS ELETRÔNICOS

Tomo para a proposta anunciada o funcionamento da internet como materialidade discursiva marcada por “condições constitutivas de acontecimentos enunciativos, e constitutivas de acontecimentos discursivos” (Gallo, 2011, np), considerando, a partir de questionamentos elencados por Horta Nunes (2010) acerca das novas formas de produção de dicionários, as reflexões de Pêcheux de que a epistemologia e história das ciências tem “*um lugar capital a ocupar* no próprio nível da produção de conhecimentos” (PÊCHEUX, 2014 b, 197, *itálico do autor*).

Dessa posição, o dicionário “é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas” (Horta Nunes, 2010, p. 7). Paralelamente, o buscador do Google simula o funcionamento do dicionário, recuperando sentidos, recortando usos, algoritmizando entradas, trabalhando assim para o processo de (des) estabilização dos sentidos de que trata a Análise do Discurso.

Ao organizar, sistematizar e oferecer conhecimento sobre a língua, as ferramentas de busca funcionam como sistemas de produção/legitimação desse conhecimento, assumindo, a partir da

¹ Professor do Instituto Federal Fluminense - Campos dos Goytacazes – RJ. Doutorando do programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense.



abordagem teórica de Sylvain Auroux, lugar de Instrumento Linguístico, uma vez que, mais que apontar páginas externamente situadas, os servidores do Google filtram, gerenciam sentidos, e disponibilizam a partir de sua base de dados o Dicionário Google; modo de designar e produzir sentidos na/sobre a língua.

Em conjunto com outras formas de instrumentação linguística em rede, também apontadas pelo buscador, esse dispositivo online apresenta alto poder de circulação/interpelação, uma vez que usuários conectados à rede por computadores, celulares ou outros dispositivos terão essas como as primeiras fontes a serem utilizadas para consulta sobre o uso de determinada unidade lexical ou gramatical, o que torna o gesto de digitar uma palavra no Google para descobrir seu significado ou forma de uso uma atitude rotineira e automatizada.

Pensando no modo que os recursos informacionais podem atuar sobre a língua, Pêcheux afirma que:

Quanto ao domínio dos estudos especificamente textuais, ele é ocupado principalmente pelos métodos de análise de conteúdo, pondo em prática, sobre corpora textuais de dimensão variada, uma leitura que podemos chamar de “artificial”, na medida em que esta leitura supõe o retorno a um certo número de operações sistemáticas de lemalizações, extrações, contagem, comparação, etc... O caráter artificial desta leitura apenas se torna mais evidente quando o recurso à informática impõe a explicitação destas operações através dos algoritmos. (PECHEUX, 2014 a, p. 276)

Pêcheux encaminha sua fala à conclusão de que tais operações conduzem à extração algorítmica de um sentido unívoco, livre dos embaraços que constituem a linguagem natural: ambiguidades, deslizamentos etc. A partir dessa consideração, a análise apresentada nesse trabalho tem por princípio que os avanços proporcionados pelo desenvolvimento das tecnologias que operam sobre a língua, tendo por corpora toda a circulação de conteúdos na WEB, produz efeitos discursivos que se devem analisar conceitualmente, de modo que, segundo Pêcheux (que cita Althusser): “a questão de saber o que é falar, escutar e ler, através desses conceitos como aqueles da “leitura sintomática” e do “efeito de discurso”, e das palavras de ordem teórica como aquela de **retomada da eficácia de um estrutura sobre seus efeitos através de seus efeitos.**” (PECHEUX, 2014 a, p. 277, grifo meu)

Considerando assim, que os efeitos dos processos citados por Pêcheux na utilização dos recursos informacionais na análise de conteúdo (lemalizações, extrações, contagem, comparação, etc...) são os mesmos utilizados na algoritmização da língua pelo Google, e, retornando a Gallo, que seus efeitos, potencializados pela intensa circulação e extensa produção de corpora, são constitutivos de acontecimentos enunciativos relevantes, proponho a leitura dos dizeres que se produzem pela busca da palavra “governabilidade” no/pelo Google, teorizando, a partir de Pêcheux, a citada retomada da eficácia da estrutura sobre seus efeitos.

Tomando que “a língua aparece como base comum de processos discursivos diferenciados”, e que as tentativas de estabilização desses processos, produzem marcas no fio do discurso, (Pêcheux, 2014 c, p. 309) proponho uma análise das possibilidades interpretativas ensejadas pela



leitura dos resultados da busca de uma palavra pelo Google, considerando-os, como dito acima, modos de produção de saberes sobre a língua. Busca-se assim compreender o funcionamento do político/partidário no ato de produção de sentidos sobre a língua, considerando com Pêcheux que tais processos são “tornados possíveis pela própria estrutura da língua, pertence de maneira constitutiva e co-extensiva ao campo da luta ideológica e política das classes”. (Pêcheux, 2014 d, p. 137)

Considerada essa luta, os mecanismos de seleção algorítmica implementados pelo Google são aqui considerados como de gestão linguística do político que se coloca entre os processos que se dão, como diz Pêcheux, pela ação “de bons espíritos que assumem a missão de ‘moralizar’ a política (...) por uma espécie de ‘terapêutica da linguagem’ que fixaria enfim o sentido das palavras” (*ibid*). Ao fornecer meios de inscrição na língua para os acontecimentos político-partidários, o serviço de busca do Google participa da dinâmica de sobreasseveração dos sentidos e de produção de efeito de verdade, pelo estabelecimento de designações e controle dos modos de dizer.

O CORPUS

A análise aqui ensejada é feita a partir da escolha da chave “governabilidade”, motivada pelo dizer do historiador Marcos Napolitano, que a qualifica como “palavra mágica em nosso vocabulário político” (Napolitano, 2016, p.58), Para o historiador essa palavra esteve no epicentro dos processos de disputa de sentido na recente e conturbada história da sucessão presidencial brasileira, e seu uso dispõe que o governo “fica refém de uma aliança sem projeto e sem direção clara. Os ministérios e os milhares de cargos de confiança são distribuídos conforme as demandas destas “super-maiorias” parlamentares que formam a base do governo”. (*ibid*, p. 58).

O próprio historiador, retoma esse funcionamento, reiterando a palavra “refém”, mas dessa vez, trazendo à tona o sistema econômico. Em sua fala, aqui reproduzida a título de condições de produção do discurso, Napolitano afirma que

“ A arrecadação em baixa comprometeu a capacidade do governo de manter o nível de gasto social, desde sempre combatido pelos liberais de plantão na imprensa e nas assessorias econômicas diversas. O pacto social lulista, que amarrou banqueiros e miseráveis sob sua liderança, tornou-se inviável. [...] A resposta para manter a “governabilidade” foi fiel ao receituário liberal tão criticado nos palanques eleitorais: corte de gastos e elevação de juros. (NAPOLITANO, 2016, p.61).

Essa concepção de “governabilidade”, é, ainda, compatível com o dizer do professor de Economia Fiori (1998), que situa nos anos 60, no campo conservador, a origem do termo, governabilidade, como justificativa para o enfraquecimento dos governos democráticos, que seriam incapazes de garantir as demandas populares, devendo tais demandas serem reprimidas sob o risco da ingovernabilidade.

Definidas assim as condições de produção, apresento o gesto de leitura de arquivo no mecanismo do Google, pela associação de chaves pesquisa que remetem a diferentes recortes temporais e redes parafrásticas, de modo a salientar as marcas do registro instrumental da



determinação política no funcionamento da língua. O corpus foi estabelecido pela busca da palavra “governabilidade”, e a seguir, a combinação dessa busca com nomes: FHC, Lula, Dilma e Temer, das quais selecionei 6 sequências discursivas da própria página gerada pelo Google:

SD1 - Dicionário – Governabilidade; substantivo feminino; 1. qualidade do que é governável. 2. conjuntura de estabilidade política, social e financeira, em que o poder executivo pode exercer plenamente as suas atribuições. Origem ☺ ETIM governável com o suf. -vel sob a f. lat. -bil(i)- + -dade.

SD2 - Governabilidade – Wikipédia, a enciclopédia livre. Governabilidade é o conjunto de condições necessárias ao exercício do poder de governar. Compreende a forma de governo, as relações entre os poderes

SD3 - 18 de mai de 2017 - Temer deve 'admitir que renunciar é melhor do que perder *governabilidade*', diz tucano ex-ministro de FHC.

SD3 - O pacto da governabilidade de Lula: avanços e desafios | Vida Pastoral

SD4 - Cientistas políticos debatem a governabilidade de Dilma em meio à ...

SD5 - Doria: Sem apoio do PSDB, governabilidade de Temer deixa de existir

A ANÁLISE

Dentre os variados gestos de leitura que seriam possíveis a partir da seleção, volto-me a SD1, por apresentar o trecho do Dicionário Google. O dizer produzido pela empresa de informática e publicidade se assemelha ao dicionário de papel, reproduzindo sua estrutura sintática e textual, indicando mais de uma possibilidade de sentido e apresentando como marcadores da posição discursiva Lexicógrafo, adiciona ainda informações sobre a etimologia e os processos de formação de palavras. Para a análise em questão (que aqui se apresenta parcialmente) chamo a atenção que tanto o processo de formação apresentado (que relaciona o sufixo -bil(i) -dade, formador de substantivos abstratos, ao sufixo -vel, formador de adjetivos) quanto na primeira entrada do verbete, apresenta-se governabilidade como propriedade do que é governável, e não do que governa.

Ainda na SD1, como na SD2, que reproduz o texto da Wikipedia, outra forma de instrumentação linguística possibilitada pela internet, esse sentido é estendido ao conjunto de agentes políticos que participam do governo, no entanto, ainda se pode compreender o sentido de governabilidade como inerente ao que se governa (a busca por ‘governável’, no dicionário do Google, traz como um dos sentidos possíveis a palavra dócil). O processo de formação etimológica que produz a palavra governabilidade continua a fazer sentido - qualidade do que é governável.

No entanto, o mesmo não ocorre nas sequências de 3 a 6: Há nessas sequências um deslizamento de sentido, pelo qual na ‘SD3’ governabilidade é apresentada como algo que pode ser perdido (por alguém), enquanto nas SDs 4, 5 e 6, governabilidade é adjetivada respectivamente pelas locuções “de Lula”, de “Dilma”, de “Temer”. Um deslocamento pelo qual o sufixo -bilidade perde a relação com seu correlato -vel; pois deixa-se de abstrair a governabilidade do elemento governado para fazê-lo do governante.

Esse funcionamento linguístico pelo qual a sintaxe (pela formação do sintagma adjetivado) muda o plano de produção de sentido de forma que governabilidade deixa de ser uma propriedade do



objeto 'governável' e passa a ser um requisito do 'governante'. Aponta uma falha na língua: a ausência de uma palavra que especifique que alguém pode de fato governar, o que faz com que, na língua, "governabilidade" acabe deslizando para um funcionamento semântico de "habilidade de governar" – tendo aí, habilidade, o "sentido de ser capaz de".

Por sua vez, esse movimento não apaga o sentido dicionarizado de governabilidade que atribui tal abstração ao objeto governado, tendo o sentido de "aquilo que se deixa governar" – a fusão desses processos pode então deslizar para "a capacidade de governar aquilo que se deixa governar" – que pode ser ainda parafraseado por – "a condição de se dirigir para o lado que se deve dirigir" – tônica máxima das teorias neoliberais, governa-se, desde que não se contrariem as forças que devem ser obedecidas. Cito Badiou:

"Se a democracia é uma representação, em primeiro lugar ela representa o sistema geral que sustenta sua forma. Em outras palavras, a democracia eleitoral só é representativa na medida em que é antes a representação consensual do capitalismo, hoje chamado de 'economia de mercado'. Tal é a sua corrupção em princípio." BADIOU – apud ZIZEK nd/np-

Quem governa quem? O deslizamento de uma propriedade do governável para o governante é uma mostra de que não há oposição entre esses; pelo contrário, há uma identidade, em que para se governar, é preciso ter governabilidade, é preciso ser governável. Esse é o gesto de leitura inicial que aqui lanço, o olhar pela materialidade digital de um dicionário, que ao instrumentalizar a língua por um algoritmo, permite ver, pela teoria discursiva, o registro na língua da historicidade de um momento, as marcas da relação entre o político e o linguístico que assim se constituem, (re) produzindo os efeitos dos jogos especulares em que sentidos e posições se constituem mutuamente.

REFERÊNCIAS

- FIORI, J. L. C. Globalização e governabilidade democrática. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, 1998.
- GALLO, S. L. . Contradições na Divulgação do Conhecimento Científico e Cultural. *Linguagem em (Dis)curso* (Online) , v. 11, p. 1-24, 2011.
- NAPOLITANO, M. A crise brasileira em perspectiva histórica. in: Mattos H, Bessone, T. e Mamigonian B. G. (org.): *Historiadores pela democracia: o golpe de 2016: a força do passado*. São Paulo: Alameda. 2016.
- PECHEUX, M. Análise do Discurso e Informática. In ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2014 -a
- _____. A aplicação dos Conceitos da Linguística para a Melhoria das Técnicas de Análise de Conteúdo In ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2014 -b
- _____. Há uma via para a Linguística fora do Logicismo e do Sociologismo? In ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2014 -c
- _____. Efeitos Discursivos Ligados ao Funcionamento das Relativas em Francês. In ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2014 - d
- ZIZEK, E. Democracia corrompida. In *Revista Cult.* Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/democracia-corrompida/>> Acesso em: 26 ago 2017.